

Documentos recentemente desclassificados revelam não apenas o «conhecimento detalhado» por parte do governo dos EUA dos assassinios em massa de membros do Partido Comunista Indonésio (PKI) levados a cabo pelo exército indonésio, mas também o seu «apoio activo» a esse massacre.

Os documentos, divulgados quinta-feira pelo [National Security Archive](#) na Universidade George Washington em Washington, DC mostram que, segundo essa instituição independente de investigação e arquivo, funcionários dos EUA “apoiaram activamente as acções do exército visando a destruição do movimento operário de esquerda no país.»

Os 39 novos documentos, parte de um acervo de cerca de 30.000 páginas de registos diários recolhidos da Embaixada dos EUA na capital Indonésia entre 1964-1968, foram desclassificadas e digitalizadas em colaboração com o National Declassification Center. A iniciativa verificou-se na sequência de numerosas solicitações de grupos defensores dos direitos humanos norte-americanos e indonésios.

Os ficheiros incluem cartas do Departamento de Estado, telegramas, relatórios de situação e comunicações confidenciais entre consulados dos EUA e a sua embaixada. Entretanto, o acervo não inclui quaisquer documentos da CIA, que permanecem classificados. A Human Rights Watch apelou a que fossem desclassificados todos os documentos que ainda o não foram.

Os novos materiais mostraram que diplomatas dos EUA na Embaixada de Jacarta e os seus interlocutores do Departamento de Estado em Washington mantiveram um [registo](#) de quais os dirigentes do PKI que iam sendo executados no decurso de um dos mais turbulentos períodos da história da Indonésia depois da sua independência da Holanda em 1949.

É particularmente chocante o [memorando](#) da conversa entre o Segundo Secretário da Embaixada Robert Rich e o Assistente do Procurador-Geral Adnan Buyung Nasution, em 23 de Outubro de 1965. É uma das primeiras vezes em que os assassinios sistemáticos são mencionados a Washington. O telegrama refere a cooperação por parte dos EUA no sentido de manter a imprensa internacional à margem de qualquer referência às mortes de modo a não alertar o Presidente Sukarno.

«Os militares tinham já executado muitos Comunistas mas este facto deve ser cuidadosamente retido» enquanto eles «continuam a carregar em cima dos Comunistas de modo a quebrar a espinha ao poder do PKI,» escreveu Nasution.

No memorando, Nasution manifesta-se «*chocado*» por os massacres terem começado a ser referidos na rádio da Malásia e alertou para que Sukarno não deveria tomar conhecimento da repressão das forças armadas pelos meios de comunicação estrangeiros.

Rich assegurou a Nasution que o governo dos EUA está «inteiramente consciente da natureza sensível dos acontecimentos em curso e está a realizar todos os esforços no sentido de que não fosse estimulada a especulação por parte da imprensa.»

SECRET

Encl. 1; page 2
A-298, Djakarta

been shocked several days previously to hear Radio Malaysia refer to possible Army executions of Communist cadres. He emphasized that the key to the present situation remained Sukarno. Sukarno was always ready to grab on to foreign press reports and use them against those forces in the country which were currently trying to crush the PKI. The extent of Army repression of the PKI was being carefully kept from Sukarno. While Sukarno would probably hear reports to this effect, it was very important that he not be able to cite particular sources such as foreign radio and press reports since emphasis on these aspects in the foreign press would not only incite Sukarno to crack down on the Army's activities but also encourage him to wrongfully accuse military leaders of aiding and abetting Nekolim. Mr. Nasution particularly stressed the delicate position of Indonesian moderates at this time. They currently have the initiative, but need more time to break the back of PKI strength. To do this Sukarno must not be handed ammunition from abroad which he can turn against the Army and its supporters.

4. The reporting officer stressed that the US Government was fully aware of the sensitive nature of current events and was making every effort to avoid stimulating press speculation which would redound to the detriment of moderate forces in Indonesia at this time. It was noted, however, that the USG has no control over its press.

5. Nasution spoke of Sukarno as a man whose image in the country was irrevocably shattered for the long run and yet who still held a pre-eminent psychological position which the Army could not challenge directly. A distinct danger foreseen by the moderates at present was that Sukarno and Subandrio might yet be able to divert public attention to an alleged Nekolim threat and blame the US and "imperialists" in general for attempting to set Indonesians against themselves in early October. He noted the difficulty, and even impossibility, of pursuing a course of denials and refutations of spurious charges which might arise in this connection and recalled the effectiveness with which the PKI in the past had been able to utilize false documents and fabricated charges, resulting in Sukarno even turning against a long term friend, Bill Palmer. Rather than be placed on the defensive by such charges, he said, "we" are placing all our efforts in getting the true story of what happened to the Indonesian people in its fullest extent. By repeated emphasis on what really happened, little opening would be permitted for PKI fabrication. In searching for evidence of Subandrio's connection in the 30th September movement, however, the Army and moderate groups had thus far been unable to turn up firm useable evidence of Subandrio's

SECRET

Um telegrama de 1965 do consulado dos EUA em Surabaia dirigido à embaixada em Jacarta [dizia](#): «*Continuamos a receber informação de PKI sendo massacrados por milícias Anzor [uma milícia muçulmana] em muitas zonas do leste de Java. A matança de PKI prossegue em aldeias próximo de Surabaia e os feridos libertos de Surabaia recusam regressar a suas casas. Segundo o chefe dos caminhos-de-ferro do leste de Java, 5 estações foram encerradas por os trabalhadores terem medo de vir para o trabalho uma vez que alguns deles foram assassinados.*»

A embaixada dos EUA em Jacarta enviou uma mensagem carimbada “Secreto” para Washington DC em Novembro de 1965 [dizendo](#): «*Entretanto, tanto nas províncias como em Jacarta, a repressão do PKI prosseguiu, tendo como principal problema onde alojar e como alimentar os prisioneiros. Muitas províncias parecem ter resolvido o problema com êxito executando os seus prisioneiros PKI, ou matando-os antes da sua captura.*»

Outro telegrama “Secreto” enviado a Washington DC em Dezembro de 1965 pela Primeira-Secretária da Embaixada Mary Louise Trent [registra](#) o «notável êxito do exército» nas suas acções no sentido de acumular poder.

«[A violência anti-PKI] resultou até agora numa estimativa de 100.000 mortes PKI. Uma fonte de confiança balinesa informou a Embaixada de que as mortes PKI na Ilha de Bali atingem um total de cerca de 10.000 e incluem familiares e até mesmo parentes afastados do governador cripto-comunista Sutedja,» dizia.

Os ficheiros documentam um período em que as tensões entre o exército indonésio e o Partido Comunista Indonésio explodiram, resultando numa gigantesca “purga” que massacróu centenas de milhares dos seus cidadãos.

Depois de assumir o poder sobre os militares indonésios em Setembro de 1965, o General Suharto desencadeou um massacre apoiado pelo exército da muito numerosa mas na sua maioria desarmada militância do PKI, invocando razões de «contaminação política.» Viria mais tarde a desbancar, em 1967, o primeiro Presidente indonésio, Sukarno.

Segundo um [estudo da Universidade de Yale](#), Suharto ordenou uma «*limpeza absolutamente essencial, até à raiz*» de adeptos e simpatizantes do PKI, de que resultou em cada noite o assassinio de «*50 a 100 membros do PKI*» por grupos civis anticomunistas com a bênção do exército. A embaixada australiana em Jacarta estimou que, a certa altura, havia «cerca de 1.500 assassinios diários» e relatórios confidenciais de duas agências ocidentais concordavam acerca de «um total de perto de 400.000 mortos.» Contudo, um embaixador adjunto dos EUA pensava que o número total poderia ser muito superior.

O grupo de investigadores da NSA estima que perto de 500.000 alegados apoiantes PKI foram mortos entre Outubro de 1965 e Março de 1966, e que cerca de 1 milhão mais foram aprisionados. Suharto exerceu o poder na Indonésia até 1997.